

UMA PROMOTORA INCANSÁVEL E OBSTINADA

El País, de Madri

Em meados do ano passado, o secretário-geral da Organização das Nações Unidas, Kofi Annan, ligou para Carla del Ponte, em férias na Toscana (Itália), pedindo que fosse imediatamente a Nova York para uma conversa importante. O assunto era sua indicação para promotora do Tribunal Penal Internacional para a antiga Iugoslávia, em substituição à canadense Louise Arbour. Porém, Del Ponte não pensou duas vezes — Irei quando minhas férias terminem.

Três semanas mais tarde, a mulher de voz firme aceitou o convite, sob condição de independência absoluta. Sua nomeação, no dia 15 de setembro de 1999, recebeu a aprovação unânime do Conselho de Segurança. O novo trabalho a obrigava a abandonar a Promotoria Geral na Suíça, onde investigou a máfia russa, as empresas relacionadas com a família de Boris Yeltsin e a lavagem de dinheiro em bancos suíços, que algumas fontes calculam em US\$ 40 milhões.

Amiga pessoal do juiz Giovanni Falcone — assassinado em 1992 enquanto investigava as operações da máfia italiana — do espanhol Baltasar Garzón — responsável pela prisão de Augusto Pinochet em Londres — e de Louis French — diretor do FBI —, Del Ponte se declara, como eles, uma lutadora incansável. Agora como algoz de genocidas, criminosos de guerra e torturadores na antiga Iugoslávia e Ruanda, é consciente de que sem a captura dos peixes graúdos, o tribunal ficará com um certo sabor de fracasso.

Slobodan Milosevic, presidente da República Federal da Iugoslávia, Rodovan Karadzic, líder dos sérvios da Bósnia e Ratko Mladic, seu executor militar e responsável pelo massacre em Srebrenica de 7,5 mil civis em 1995, são seus futuros alvos.

Com Del Ponte na promotoria, o tribunal entra em sua fase decisiva. O primeiro promotor, o sulafricano Richard Goldstone, criou as bases em tempos difíceis, quando ninguém acreditava no papel da instituição. A canadense

Fabrice Cofrini/AFP 12.8.99



Del Ponte (E) quer força internacional para caçar criminosos de guerra

se Louise Arbour conseguiu várias prisões, um grande prestígio em suas atuações e antes da aposentadoria voluntária, deixou assinada a ordem de captura contra Milosevic e três de seus principais colaboradores, acusados de crimes de guerra em Kosovo. Agora, Carla del Ponte pega o momento mais complicado: concluir a missão com sucesso.

“No início era desesperador:

havia um único preso (Dusko Tadic), pouco apoio externo e um plantel de 100 funcionários”, lembra um membro da equipe da promotora. “Hoje, as celas estão repletas, (34 presos) e já somos 832 funcionários. Avançamos muito.”

Mas nada parece impedir o trabalho dessa italo-suíça de 53 anos, divorciada duas vezes e mãos nervosas. Todos os dias ela lê os relatórios sobre Ruanda e

Iugoslávia, reuniões diárias e viagens constantes para conseguir apoio para prender criminosos de guerra.

Mal-humorada, costuma responder com cara feia aos pedidos de entrevista: “Não tenho tempo para repórteres”. Há alguns dias recusou o pedido de um jornalista de uma rádio estatal norte-americana. “É americano”, sussurrou um de seus assessores. — Não preciso de americanos! Respondeu Del Ponte.

No entanto, num raro momento em que dispensou um pouco de seu tempo para falar à imprensa sobre os avanços de seu trabalho, ela contrariou toda e qualquer expectativa — Asenhora viaja muito para conseguir apoio para prender Karadzic e Mladic, qual a situação no momento? Sorriente disse: “Não vou contar a verdade”. E logo acrescentou que, hoje, o apoio político é maior.

A convivência entre forças de segurança e TPI nem sempre é muito amistosa. No início de

1995, em uma entrevista em Sarajevo com um alto funcionário das Forças de Proteção das Nações Unidas (Unprofor), quando perguntado sobre o que achava das atividades do tribunal, disse off the record: “Esse pessoal não entende nada do que acontece aqui. Estão prejudicando nosso trato com os servobósnios. As coisas aqui são muito complexas”.

Mas o que ela gostaria mesmo é que a Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan) não fizesse tanta cerimônia para ir atrás dos criminosos de guerra na Sérvia. Quando estes são capturados, pode dizer-se que é mero acaso.

Para sair desse marasmo e não cair na frustração de um trabalho inútil, Del Ponte propôs a criação de uma força especial cuja missão seria caçar todos esses criminosos. Quais as possibilidades de que isso se concretize? “Se não acontecer até o fim deste ano, irei pessoalmente junto com uma equipe que policiais especializados na luta contra a máfia”.